

A QUESTÃO DO CONHECIMENTO E DA LINGUAGEM EM NIETZSCHE

Antonio Amaro Pereira

RESUMO: Este artigo fala sobre as questões do conhecimento e da linguagem em Nietzsche. Aborda o pensamento nietzscheano, influenciado pelos pré-socráticos, sobretudo por Heráclito e a culpa que ele coloca na dupla Sócrates/Platão por toda a lógica ocidental. Filho que era do Romantismo, Nietzsche propõe o *Além do homem*, mas não mais aquele homem romântico eternamente insatisfeito mas sim a criança heracliteana, que inocentemente tornasse criadora após atravessar a “corda” que a separa da criação.

PALAVRAS CHAVES: verdade, moral, criação, vida, gregário, estética.

ABSTRACT: This article discusses questions about knowledge and language in Nietzsche. Deals with nietzsche thoughts, influenced by pre-socratics, especially by Heráclito and the blame he puts in the couple Socrates / Plato throughout western logic. Son of Romanticism era, Nietzsche proposes the addition of man, but not one man romantic eternally dissatisfied but the child heraclitean, which innocentment become creative after crossing the "string" that separates the establishment.

KEY WORDS: truth, moral, creation, life, gregary, esthetics.

1. Introdução

Todos os temas nietzscheanos são extremamente polêmicos, se não fossem pelas próprias escolhas que Nietzsche fazia, pois ninguém mais do que ele sabia escolher bem seus inimigos, decifrá-los em sua obra exige um trabalho minucioso, de relojoeiro mesmo posto que tudo está muito espaçado em suas obras.

O tema que abordaremos neste artigo é caro a Nietzsche, visto tratar-se de um assunto fulcral em sua obra. Nietzsche trabalha o conhecimento e a linguagem de forma mais ou menos similar, ou seja, tanto uma como outra existem em função da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, ambas enfraquecem o instinto do animal homem

e para o nosso filósofo este é o maior atributo que o homem tem, por tratar-se da preservação da vida.

A ciência vinha fazendo furor no século XIX, nunca o mundo tinha presenciado “desenvolvimento” tão grande em curto espaço de tempo, porém os problemas que isto acarretaria para a humanidade já se prenunciavam. Um pensador da envergadura de Nietzsche, não deixaria de intuir tal fato. O romantismo, sobretudo o alemão, já tinha dado os primeiros sinais com sua nostalgia e sua preocupação com o homem, que o fez encontrar uma saída que tinha como pano de fundo um retorno à *physis*.

Nietzsche como um bom filho do romantismo, também centra sua filosofia no retorno à *physis*, não com a infelicidade eterna do homem romântico, mas com a altivez do *Além do homem*, homem forjado a ferro e fogo, cômico dos problemas trazido pela vida gregária e pelo “progresso” do conhecimento, porém criador de um novo modo de vida, de uma nova linguagem, de um novo conhecimento agora pautado na vida, única capaz de justificar toda e qualquer ação humana.

Amor fati, amor aos fatos, amor a vida com todas as dificuldades que ela apresenta, um retorno ao amor que os gregos pré-socráticos dedicavam ao viver; esta é a fórmula nietzscheana para a felicidade.

2. Conhecimento e linguagem

Em Nietzsche a questão do conhecimento está intimamente ligada à questão da verdade e da moral, portanto esta problemática perpassa toda a sua obra. É bem verdade que em nenhum momento ele faz um estudo sistemático visando consolidar um conceito para estes assuntos, senão apenas faz uma crítica buscando mostrar os problemas que se acumularam, desde a gênese do conhecimento racional iniciado na Grécia de Sócrates e Platão até a Idade Moderna.

Na verdade o maior motivo dele não elaborar um conceito sobre o conhecimento esbarra no fato de ele não aceitar formular uma crítica dentro da própria ciência, o que seria uma incoerência posto que para Nietzsche há que se fazer uma crítica, porém de fora do âmbito da ciência.

Para Nietzsche o homem conhece somente por utilidade, ou seja, o conhecimento faz parte da praticidade da vida gregária. O homem necessita de conhecer para poder se proteger, para poder con-viver; talvez mais importante ainda para ele seja o fato de que o

homem só consegue traduzir as coisas em palavras para homogeneizar o conhecimento e poder conviver, porém as palavras são carregadas de valores momentâneos que não só não traduzem a "verdade", como também não falam da coisa em profundidade, senão traduzem uma valoração puramente histórica.

A própria "verdade" é histórica, mais ainda, depende do ângulo de visão, portanto a "verdade" tem a mesma importância da "mentira" visto que ela é multifacetada, sendo, portanto imperfeita e viciada. Cabe aqui argumentar que as palavras são profundamente arbitrárias, carregando uma ideologia histórica não traduzindo as coisas na sua profundidade. Esta concepção da linguagem em Nietzsche parece ter sido buscada em Pascal, filósofo a quem ele nunca deixou de exortar, quando este contradiz o racionalismo cartesiano:

"Para repreender utilmente e mostrar a alguém que está errado, precisamos observar de que ponto de vista encara o assunto, porquanto, em geral, é verdadeiro para o observador, e então reconhecer a verdade, mas descobrir-lhe o lado pelo qual é falso. Assim, satisfazemos à pessoa enganada, porque vê que não se equivocava mas deixava tão somente de encarar de todos os ângulos possíveis; ninguém se aborrece por não ter visto tudo, porém ninguém quer estar equivocado; e talvez isso provenha do fato de não poder o homem ver tudo e de, naturalmente, não poder se enganar dentro do ângulo que escolheu; e isto porque as percepções dos sentidos são sempre verdadeiras."

pp 44 Pensadores vol. XVI fragmento 9

Pascal, com seu espírito conciliador e cristão, preocupa-se em escrever de modo benevolente e discreto, porém podemos observar o mesmo pensamento em Nietzsche, mas sem a preocupação de tolerar as falhas, os erros dos detentores das verdades absolutas:

"Oh Voltaire! Oh! Humanidade! Oh! Estupidez! A "verdade", a busca da verdade são coisas delicadas. Desde o momento em que o homem se conduz nesse aspecto de um modo demasiado humano, - quando busca a verdade apenas para fazer o bem - , pode-se dizer, e eu o sustento, que não encontra nada."

pp 51 e 52 Além do Bem e do Mal

Nietzsche trabalha a questão do conhecimento, com a mesma visão que ele tem do mundo e sua total inutilidade, de não haver um fim específico; portanto o conhecimento só pode se erigir sobre um conceito puramente metafísico. Para conhecer, o homem antes de tudo tem obrigatoriamente que ter fé, tem que acreditar, edificar conceitos puramente metafísicos, criar valores que possam delimitar o correto e o incorreto. Nunes, quando vincula o valor da certeza à vontade de potência coloca bem esta questão do homem necessitar da verdade para dominar o mundo, ter a fé da dominação para "conseguir" suportar a vida:

" pois a certeza, da mesma forma que as verdades que ela possa qualificar, bem como as leis lógicas e científicas, são critérios e esquemas de nossas interpretações do real, por sua vez meios de domina-lo e, por tanto, ficções úteis que a vontade de potência arma para melhor expandir-se" (Nunes, pp. 46)

Quando Nietzsche afirma em sua concepção da linguagem que esta não expressa a coisa verdadeiramente, senão que momentaneamente, acreditando-se nas designações, podemos ter a impressão que conhecemos e assim inferimos sobre outros fatos, daí tirarmos novas conclusões que acreditamos corretas e assim "ad infinitum" vamos "acreditar" nas verdades acumuladas, mais ainda , que o mundo não é um vir a ser e sim um Ser estático e perfeitamente decifrável pelo homem, bastando para isso "conhecer":

"...no seio do ser, no qual não morrerá nunca, num deus oculto, na "coisa em si" é onde se deve se lombrigar seu principio ali e em nenhuma outra parte.
Este é o preconceito característico dos metafísicos de todos os tempos, este gênero de apreciação se encontra na base de todos os procedimentos lógicos. A partir desta "crença" esforçam-se em alcançar um "saber", criam as coisas que, afinal, será pomposamente batizada com o nome de "verdade". A crença na antinomia dos valores (...) Entretanto, deve-se duvidar, imediatamente da existência de antinomias; depois dever-se-ia perguntar se as valorações e as oposições de valores usuais as quais os metafísicos apuseram seu sinete, não são apenas valorações superficiais, perspectivas momentâneas, tomadas a partir de um ângulo

determinado, perspectivas de peixe, no faisão dos pintores..."

pp 19 e 20 Além do Bem e do Mal

Este conceito carrega em seu bojo um ranço antropomórfico, profundamente grosseiro aos olhos de nosso filósofo, que é a vida, que de resto nos crê apenas um passageiros deste barco que é o mundo, que antes de mais nada não se deixa traduzir em palavras, o que podemos no máximo é senti-lo, daí a sua tese de que o único modo de se viver intensamente é de forma "estética"; se é possível conhecer as coisas, interpretar a vida, o mundo, isto só será possível através do sentimento, da intuição, principalmente pelo fato do homem ser parte integrante do todo, podendo por isso intuir, sentir, porém não explicar; ele pode individualmente perceber mas jamais ensinar o que sentiu, pois este sentimento é intraduzível, cada qual terá que fazer a sua "viagem", a sua ultrapassagem. O homem pode auxiliar o outro a apreender, daí as lições de Zaratustra, por isso o pedagogo Nietzsche não busca seguidores:

" Agora meus discípulos vou sozinho! Segui vós sozinhos também. Quero-o assim..."

pp 108 Assim Falava Zaratustra

Importante salientar que nosso filósofo não só coloca a questão da linguagem como guardiã da moral, mas a possibilidade que existe de se resistir ao tomar-se conhecimento da armadilha que ela representa, podendo-se invertê-la, buscando uma nova forma de criar um novo mundo. Esta é a grande lição nietzscheana; a liberdade da criação, a abertura para o novo, somente o *Além do homem* será capaz de ao perceber a arapuca armada pela moral, cristalizada pela gramática e desconstruindo todo esse processo, alinhavar uma nova forma de viver. Não basta perceber, não basta criticar, se faz necessário a ação da criação. Esta é a questão essencial, esta é a grande lição nietzscheana, criar! Só está apto para a criação aquele que ultrapassou a ponte que o levou do homem moderno ao *Além do homem*; isto pressupõe a liberdade, a libertação do efêmero, do contingente para então possibilitar a criação, ser também um deus, pois só um deus pode criar. Para a criação do novo se faz

necessário uma nova valoração, uma nova qualidade de valores capaz de reescrever o trajeto deste novo homem, uma nova linguagem capaz de afirmar esta nova vontade:

"Só criando - O que me custou e ainda me custa sempre maior sofrimento é constatar que é infinitamente mais importante conhecer o nome das coisas que saber o que são. Sua reputação e seu nome, seu aspecto e sua importância, sua medida tradicional, seu peso usualmente aceito, todas as qualificações que estiveram nas origens dos frutos do erro e do capricho, em sua maior parte, roupagem que se lançaram sobre elas sem adaptá-las, a sua essência e nem se quer à sua cor de pele, tudo isso apoiado na força do crédito, da transmissão, do fortalecimento a cada nova geração, acabou por se identificar com as próprias coisas, por formar seu corpo; a aparência primitiva sempre se torna essência e faz efeito da essência! Louco aquele que acreditasse que basta recordar essa origem e mostrar esse véu nebuloso da ilusão para destruir o mundo que passa por essencial e a que se denomina "realidade"! Apenas criando podemos aniquilá-lo! Não olvidemos isto: Basta forjar novos nomes, novas apreciações e novas possibilidades para criar com o tempo "coisas" novas."

pp 64 e 65 A Gaia Ciência

Ainda na Gaia Ciência Nietzsche volta a afirmar a necessidade de se criar novos valores, com veemência e sem meias palavras ele afirma: " *Em quem tens fé? - Nisto: é preciso determinar novamente o peso de todas as coisas.*" pp 134 A Gaia Ciência

Nosso filósofo não concebe um homem que não seja altivo, acima da média, fora dos conceitos medianos; um homem que se percebeu parte da *physis*, portanto livre para poder voar, não mais preso à contingência da moral estabelecida e nem preso à metafísica da gramática. Um homem que consegue, de forma estética, superar o homem moderno, pronto para criar uma nova forma de ser, em perfeito equilíbrio com a natureza:

"Vai para a tua solidão com as minhas lágrimas, irmão. Eu amo aquele que quer criar algo superior a si próprio, e que desta forma perece. "

pp 91 Assim Falava Zarathustra

O conhecimento só é interessante se for um louvor à vida, pois só ela justifica que se conheça, que se busque o máximo de conhecimento, por isso o conhecimento tem que

ser desinteressado, não de ter como finalidade o lucro, muito menos servir a coletividade. Todo o conhecimento deve servir à vida, deve ser uma loa à vida. Conhecer pelo simples fato de ser mais amante à vida, percebendo-se que se estava imobilizado pela moral estabelecida e petrificada pela gramática. Aprender a aprender, conhecer para conhecer:

"Dizei-me como alcançou o ouro o mais alto valor? Porque é raro e inútil, de brilho cintilante e suave: oferece-se sempre a todos...A mais alta virtude é rara e inútil..."

pp 102 Assim Falava Zaratrusta

Uma vez liberto da má consciência, desperto da armadilha da gramática, ciente de que necessita construir uma nova forma de ser, uma nova linguagem, o homem despreendendo-se das coisas materiais, do ganho, da troca, deve aprender a dar-se, deve aprender a virtude de dar sem recompensa:

"...reluzente com o ouro é a face do que dá...A virtude dadivosa é a mais alta virtude."

pp 102 Assim Falava Zaratrusta

Esta questão da nova linguagem é muito cara ao nosso filósofo, ele busca uma nova forma de comunicação do homem consigo mesmo, uma vez que a gramática esta viciada, logo toda a forma de comunicação que se transforma em palavras também o estão. Cabe a este *Além do homem* buscar uma nova comunicação, para isto ele tem que estar desperto, deve estar preparado para perceber e sentir quando este momento chegar. Fica logo evidente que a solidão é fator primordial para se atingir este nível de preparo. Estar sozinho, ter os sentidos desembotados do convívio social, das coisas da sociedade. Nietzsche estabelece uma profilaxia no homem para que ele se veja livre da patologia da vida gregária. Em seu artigo, "Silencio e Solidão", Scarlet Marton coloca bem esta questão:

"Além de profilática, a solidão é, pois, restauradora; mais ainda, ela converte-se na marca distintiva de Nietzsche/Zaratustra...Afinal é só na solidão que se cria. Na cidade os sentidos ofuscam-se mediante o alarido dos homens, o ruído dos grandes, o zumbido das moscas venenosas. No mercado, o olhar turva-se perante o espetáculo dos senhores da hora, dos que fazem estardalhaço, dos que levam ao delírio. No

vale, o tato entorpece-se diante da cobiça e da sofreguidão, da vaidade e da arrogância, das ervas daninhas que cessam de proliferar. Mas outro é o ritmo da criação, lento é o tempo da solidão..."

pp 87 E 88 CADERNOS NIETZSCHE N.º 9

Na completa solidão o homem poderá sentir-se parte integrante da natureza, poderá ouvi-la manifestar-se através de símbolos, deve perceber bem este momento. Na verdade quando o homem gregariamente está impregnado de valores pré-estabelecidos, ele não se dá conta da sua própria existência, somente quando ele assume a solidão como forma de procura do seu eu, é neste momento que ele realmente se percebe único e parte do todo, somente neste momento de neutralidade, deixando seu corpo falar, ele poderá dar conta da vida, de toda a força que dentro se manifesta com uma nova linguagem, única e exclusiva, compreensiva para si, não traduzível em "palavras sociais", porém perfeitamente compreensível para si. É o ser manifestando-se e esta manifestação deve provocar uma hermenêutica, capaz de interpretar-se e descobrir-se. Descobrimo-nos o homem pode por analogia descobrir toda a humanidade, pode ajudar a aperfeiçoar esta nova humanidade.

Importante salientar que Nietzsche considera o corpo e o espírito uma e apenas uma coisa, ele jamais faz uma separação, senão que um a extensão do outro, sendo o espírito apenas o guardião das experiências do corpo, não esquecendo que este também fala através de símbolos. Zaratustra em seu canto "Da virtude Dádívosa", coloca esta questão de forma irreduzível:

"Nosso espírito voa para cima; assim é um símbolo de nosso corpo, o símbolo de uma elevação. Os símbolos dessas elevações são os nomes das virtudes. Assim atravessa o corpo a história, lutando e elevando-se. E o espírito o que é para o corpo? É o arauto de suas lutas e vitórias, seu companheiro e eco...
...Meus irmãos estais atento às horas, sejam quais forem em que vosso espírito quer falar em símbolos : então é esta a hora em que nasce a vossa virtude. Então é quando vosso corpo se eleva acima de si mesmo e ressuscita. Sua alegria arrebatava o espírito que se torna criador; ele aprecia e ama..."

pp 105 Assim Falava Zaratustra

A busca de Nietzsche para uma visão estética do mundo, ou da cultura dos afetos como prefere Klossowski, se dá exatamente por que ele busca a fala original pois "o

desgaste da linguagem, no dizer impróprio do social e do convencional, mascara o sentido originário da palavra" (Gmeiner, 1998, p. 48). Para tanto nosso filósofo busca a linguagem primeva, aquela que designou a coisa de forma pura, onde o sentimento, a intuição auxiliou na tradução em palavras, onde estariam menos impregnadas de valores, onde a intuição foi auxiliar indissociável desta transformação da coisa em som.

Esta busca da origem é que vai, não só, descobrir que as coisas agora são designadas totalmente cobertas de valores, que as palavras perderam a força de dizê-las, mas também de mostrar que ao cavar-se, deste desterro aparecerá a forma original, a designação perfeita ou pelo menos mais próxima do sentido da coisa; daí o seu entusiasmo pela cultura grega, que começou tudo o que o mundo ocidental conhece como pensamento. Deixemos klossowski falar:

"Assim Nietzsche trava, por sua vez, o combate contra a cultura, em nome de uma cultura dos afetos que irá se estabelecer sobre a ruína das hipóstases, que são a consciência e suas antinomias, na medida em que elas nascem de uma culpa da consciência em relação a si mesma que o fará chegar à totalidade do espírito. Essa cultura dos afetos só será possível depois de uma desarticulação progressiva das superestruturas que foram elaboradas a partir da linguagem..." (Klossowski, 2000)

pp 34 Nietzsche e o Círculo Vicioso

Em fim, Nietzsche coloca o conhecimento e a linguagem à serviço da vida, como de resto todas as coisas humanas devem estar à este serviço, pois a única justificação da vida é a própria vida e o grande tradutor desta questão, o grande desbravador é o além do homem; homem este que ultrapassou o camelo e o leão, sendo agora a criança, aquela criança heracliteana, criadora, livre dos conceitos gregários, esquecido de todos os males da humanidade, ingenuamente criadora. Criar esta é a grande sina do homem!

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Metre Jou, 1982

- GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser*. São Paulo: Edições Loyola, 1998
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o Circulo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000
- NIETZSCHE, Friederich. *A Gaia Ciência*. Lisboa: Guimarães Editores, S/Data
- _____. *Além do Bem e do Mal*. Rio de Janeiro: Edioro, S/Data
- _____. *Assim Falava Zaratrusta*. São Paulo: Logos, 1954
- NUNES, Benedito. *O Nietzsche de Heidegger*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000
- PASCAL. In Col. *Os Pensadores* Vol. III. São Paulo: Abril Cultural, 1976
- PRÉ-SOCRÁTICOS. In: Col. *Os Pensadores* Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1976
- TURCKE, Christof. *O Louco, Nietzsche e a Mania da Razão*. Petrópolis: Vozes, 1996

REVISTA

CADERNOS NIETZSCHE Nº 9
